

Ensino-aprendizagem de inglês e interculturalidade no IFAM: em direção à criação do “terceiro espaço”

Josibel R. Silva¹

1. Professora EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM; josibel.silva@ifam.edu.br

Palavras Chave: *Ensino-aprendizagem, inglês, interculturalidade.*

Introdução

Neste trabalho partimos da preocupação com o ensino-aprendizagem de inglês e o tema da interculturalidade no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – Campus Manaus Zona Leste (IFAM-CMZL), na cidade de Manaus. Neste estudo, tomamos a posição de que o ensino-aprendizagem de inglês não deve se configurar como um ensino-aprendizagem de códigos linguísticos e culturais estereotipados, mas, que deve proporcionar um “terceiro espaço” (KRAMSCH, 1993) aos aprendizes. Neste, os aprendizes podem trocar saberes e entendimento mútuo, criando, desta forma, uma comunicação efetiva e apropriada (BYRAM, 1997) quando em interação com outros que são linguisticamente e culturalmente diferentes. Baseados nesta perspectiva, analisamos uma atividade realizada com alunos do primeiro ano do ensino técnico integrado ao médio, em que o tema desenvolvido foi “bullying”.

Resultados e Discussão

Utilizamos nesta atividade um texto informativo da internet que abordava o “bullying” nos EUA, cujo desenvolvimento aconteceu em alguns momentos distintos, a saber: o momento anterior à leitura; leitura e compreensão do texto em si; e o momento pós-leitura. Na atividade fizemos uma relação do texto com uma tradição presente na escola, em que os alunos são classificados em *phynna*, *pipoka* e *bixo*, sendo que esta última categoria é considerada inferior aos demais. Os *phynnas* ou finalistas equivalem aos alunos da 3ª série, os *pipokas* são os alunos da 2ª série e os *bixos* são os alunos da 1ª série. Neste estudo analisamos o momento pós-leitura que consistiu nas discussões referentes às duas questões específicas: “Acontece *bullying* no IFAM-CMZL?”; “Sobre a tradição dos *Phynna*, *Pipoka* e *Bixo* na escola, como você se sente em relação a isso?”. Nestas discussões, conflitos foram inevitáveis, em que os aprendizes tentavam impor suas ideias e mostravam dificuldades em entender os outros com pontos de vista diferentes. Logo, tentamos não apontar quem estava com a razão, mas mostrar as semelhanças nos discursos para que os aprendizes pudessem chegar a consensos.

A seguir, apresentamos alguns discursos acerca da tradição.

“Depende do modo como quem sofre vê a ação, as brincadeiras”.

“Eu me sinto normal com as brincadeiras, mas tem gente que não gosta”.

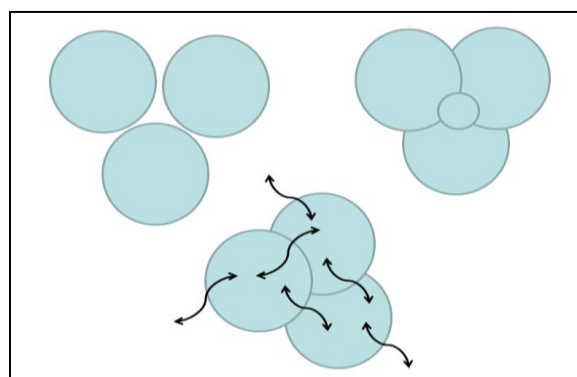
“Pra mim, é normal, as pessoas só não podem ser agressivas”.

“Depende muito do aluno, a tradição não chega a ser bullying pra quem entende a tradição”.

“Pra mim é constrangimento”.

Neste sentido, tentamos valorizar mais o processo, e não conteúdos, em que procuramos instigar um deslocamento, um atravessamento nas fronteiras culturais (KRAMSCH, 1993), mostrando a perspectiva do outro, incentivando os aprendizes a exercerem a alteridade, com o objetivo de conhecerem melhor também a si mesmos.

Figura 1. Ensino-aprendizagem e interculturalidade



Conclusões

A interculturalidade prevê necessariamente um diálogo intercultural com o objetivo de desconstruir ideias totalizantes do outro, para que os sujeitos possam circular entre as fronteiras culturais, e assim, trocar, reelaborar e aprender novos significados. Nesta perspectiva, a diversidade começa a adquirir sentidos positivos, pois se vê no conflito um exercício não ingênuo, mas político, e desejável (ALMEIDA, 2011). Desta forma, podemos afirmar que as considerações sobre este trabalho foram positivas, uma vez que nossos objetivos se pautaram na criação de um “terceiro espaço” à luz da interculturalidade.

ALMEIDA, M. R. **Um olhar intercultural na formação de professores de Línguas Estrangeiras.** Tese de Doutorado. Curitiba: UFP, 2011.

BYRAM, M. **Teaching and Assessing Intercultural Communicative Competence.** Clevedon: Multilingual Matters, 1997.

KRAMSCH, C. **Context and Culture in Language Teaching.** Oxford University Press, 1993.